

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Apresentação de Carlos Faraco. Tradução, notas e posfácio de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2021. 392p.

Felipe PRAIS¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v19i1.3401>

Introdução

[...] cem anos após sua morte, Saussure cumpre uma vez mais com brilhantismo o destino dos mitos, que é o de nos fazer reconhecer a todos, na origem, coparticipantes de um mesmo projeto de ciência. (ALTMAN, 2021, p. 46).

No ano atípico de 2021, a linguística recebeu, no Brasil, uma nova edição de uma de suas obras, por assim dizer, mais típicas: o *Curso de linguística geral* (CLG), de Ferdinand de Saussure (1857-1913), que teve sua primeira publicação em 1916, na França, e sua primeira tradução para o português brasileiro, pela Editora Cultrix, apenas em 1970. Mais de um século após o surgimento do CLG e mais de meio século após sua chegada à nossa língua, portanto, a Parábola Editorial, sob a égide de um de seus editores, Marcos Marcionilo, tomou para si a tarefa de novamente publicar a obra no Brasil, com a convicção da “necessidade de dar a nossas leitoras e leitores acesso a uma nova e mais contemporânea edição para que sua formação [...] pudesse se fazer do modo mais claro e seguro possível” (CLG², p. 10). Apresentada por Carlos Faraco (UFPR), em texto adaptado da apresentação de Faraco (2016), a obra foi traduzida por Marcos Bagno (UnB) que, para além de rever alguns erros da primeira edição (cf. CLG, p. 15) e de prezar pelo registro da “norma culta brasileira contemporânea” (CLG, p. 15), também acrescentou a ela duas grandes novidades admiráveis para os estudiosos do CLG no Brasil: um aparato de notas textuais, tal qual notavelmente o fez outrora Tullio de Mauro na versão italiana, e um extenso posfácio – *Excurso crítico para uma leitura incontornável* – atualizado pelas discussões historiográficas

¹ Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; felipeprais@usp.br; <https://orcid.org/0000-0003-4508-0158>.

² Todas as citações assim notadas, com “CLG”, dizem respeito à nova edição da obra.

mais renovadas acerca da obra. Carregada, pois, da história recente do CLG, “esta edição do *Curso* nos convida, em primeiro lugar, a uma (re)leitura da obra” (CLG, p. 18), nas palavras de Faraco, enquanto “as notas e o posfácio acrescentados pelo tradutor nos chamam para o debate” (CLG, p. 18). Atendendo ao chamado, nos propomos aqui, deixando a tradução de lado, a uma breve síntese comentada das novidades referidas desta edição, em especial, o posfácio de Bagno, na expectativa de que também nossos leitores acompanhem este movimento, paradoxalmente cada vez mais necessário para uma obra centenária como o CLG.

O CLG após meio-século

Como se sabe, o *Curso de linguística geral* foi saudado, a partir da segunda metade do século XX, período do chamado “retorno a Saussure” (DOSSE, 1993, p. 65), como obra fundadora da linguística moderna, especialmente por seus leitores estruturalistas. A obra, que assim teria separado “uma linguística (pretensamente) pré-científica de uma linguística científica” (FARACO, 2021, p. 29), foi depositando na figura de Saussure os rótulos já bem-conhecidos de pai ou pioneiro da disciplina, operador de um corte epistemológico, o “corte saussuriano” (DOSSE, 1993), entre a linguística histórico-comparativa, na qual foi formado, e a linguística estrutural, para a qual passou a ser tido como precursor. Soma-se às controvérsias das narrativas heróicas nas ciências o fato de Saussure não ter redigido o CLG, e sim dois de seus colegas da Universidade de Genebra, Charles Bally (1895-1947) e Albert Sechehaye (1870-1946), que editaram a obra com base nas anotações de ouvintes de três cursos orais ministrados por Saussure, entre 1907 e 1911. Como também se sabe, ambos não participaram das aulas, mas contaram com a ajuda de um dos alunos, Albert Riedlinger (1883-1978). A questão já era bem conhecida à altura da primeira edição brasileira, em cujo prefácio se lê que “o *Cours* levanta uma série intérmina de problemas [...] no que toca a eles, Saussure – como Sócrates e Jesus – é recebido de ‘segunda mão’” (SALUM, 2006, p. XVI). E, ainda assim, era com certa segurança que ali se anunciava, apesar do que já se dizia à época, que “Saussure está longe de vir a ser superado” (SALUM, 2006, p. XXII).

Nos cinquenta anos que se estendem da primeira edição à nova, pode-se dizer que muito mudou e, também, que muito permaneceu: as narrativas da paternidade saussuriana da linguística continuam a circular, ainda que o espírito da coisa não esteja mais lá, e os estudos de filologia saussuriana, examinando o CLG e outras fontes, como os manuscritos de Saussure, parecem ainda não ter chegado a firmes consensos acerca da edição-redação da obra. A partir dos trabalhos críticos, que à época ainda se estabeleciam nos estudos saussurianos, de Robert Godel (*Les sources manuscrites du Cours de linguistique*

générale de F. de Saussure, 1957), Tullio de Mauro (*Corso di linguistica generale*, 1967) e Rudolf Engler (*Cours de linguistique générale*, 1967-1974), dentre outros que expuseram os problemas da produção do CLG, alguns críticos, como Bouquet (2009), levantaram-se contra o efeito da ação de Bally e Sechehaye sobre o real pensamento saussuriano, que teria sido deformado no *Curso*. Nesse sentido, a descoberta de manuscritos de Saussure serviu para acentuar ainda mais a distância percebida por uns entre a chamada “vulgata” que é o CLG e os textos saussurianos originais; em especial, os célebres manuscritos de *orangerie*, descobertos apenas em 1996, que são, ao que tudo indica, os esboços do livro sobre linguística geral que Saussure pretendia escrever em vida, evidentemente sem sucesso. Enquanto isso, certos comentadores, como Joseph (cf. 2012, p. 650 *apud* CLG, p. 331), o mais recente biógrafo de Saussure, tomaram parte na concepção de que aqueles que viram um novo Saussure em tais manuscritos não haviam acompanhado as edições críticas do *Curso*, ou apenas esperavam uma oportunidade para rever suas interpretações da obra; uma posição similar, conferindo nuances às críticas aos editores, também pode ser encontrada em Arrivé (2010), dentre outros.

Dito isso, é no mínimo curioso que um dos documentos mais significativos da história da linguística tenha tido origens e desenvolvimentos tão contestados, de modo que o CLG continua a suscitar, até os dias de hoje, toda sorte de estudos e discussões na área, desde pesquisas filológicas e historiográficas até as investigações filosóficas e epistemológicas. Podemos dizer então, com a mesma segurança de Salum (2006) há meio século, que Saussure, de fato, não foi superado; entretanto, o quadro do problema parece ter se alterado consideravelmente, a ponto de a questão carecer de um esclarecimento capital: a saber, de qual Saussure se fala? Como toda personagem histórico, trata-se de um autor de múltiplas faces, dentre as quais destacamos, até aqui, apenas dois pares: o Saussure como “pai da linguística moderna” e o Saussure como “gênio desfigurado” pelos editores, assim como, usando sem qualquer convicção as expressões de Bouquet (2009), o “pseudo-Saussure do *Curso*” e o “Saussure original dos manuscritos” – para não mencionar o Saussure comparatista, a despeito da linguística geral pela qual é lembrado, do *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* [1887], dissertação de mestrado que lhe rendeu reconhecimento acadêmico em vida. Vê-se, pois, que os estudos saussurianos já não operam, hoje, com um autor monolítico e seu conjunto de fontes fixadas, do qual o CLG é apenas uma parte, tem se tornado mais extenso e complexo, servindo a propósitos variados, sobretudo com a adição da coletânea *Escritos de linguística geral* (2002). Não nos parece necessário negar a validade de uma das fontes para exaltar a outra, como o faz Bouquet (2009), ainda que a consciência de suas diferenças seja fundamental para qualquer empreitada atual. Se aceitarmos, no entanto, que o Saussure do CLG está morto, então teremos que reconhecer, também, que ele ainda insiste em renascer sob outras formas, em novos caminhos investigativos.

O crítico do excurso e o incontornável da leitura

Diante de tais questões, o próprio título do posfácio de Marcos Bagno – *Excurso crítico para uma leitura incontornável* – ilustra bem a posição adotada em seu percurso argumentativo: crítica, no sentido forte do termo, mas consciente da importância inegável da obra. Tal é a premissa com a qual trabalha e que informa sua conclusão, “que a leitura do CLG continua a ser uma tarefa incontornável para quem se dispõe a adentrar o complexo universo da linguística teórica” (CLG, p. 322). Apesar disso, o autor se contrapõe “com firmeza a uma narrativa já tradicional, que tem atribuído ao *Curso de linguística geral* o papel de divisor de águas na história do pensamento ocidental acerca da linguagem e das línguas” (CLG, p. 322), visando, assim, situá-lo em um lugar mais modesto (cf. CLG, p. 322). Nota-se, de saída, que sua argumentação incide, em especial, sobre a narrativa da fundação da linguística moderna pelo CLG, com a concepção, entretanto, de que ele “não é obra de Saussure, mas de seus editores” (CLG, p. 323), de modo que “é sobre o livro que incidirão as críticas [...], usando o CLG como sujeito e objeto” (CLG, p. 323). Sua tese (cf. CLG, p. 322-323) é a de que tal narrativa tem uma explicação histórica, mas carece de justificativa para além de uma “mitificação” (AUROUX, 1988, p. 41 *apud* CLG, p. 323) de Saussure após a Segunda Guerra, cuja alegada paternidade se tornou o ponto pacífico a partir do qual se buscou extrair teorias consistentes de seu conjunto heteróclito de ideias, as quais já circulavam, na visão do tradutor, de forma mais bem acabada em obras não referidas no CLG, como os *Princípios de história da língua* (1880) de Hermann Paul (1846-1921), um dos grandes manuais da gramática comparada. Comentando passagens dessa obra que correspondem quase literalmente às do CLG (cf. CLG, p. 346-349), Bagno conclui que o livro “operou, de fato, uma *reciclagem* (no sentido contemporâneo do termo) de hipóteses e teses que circulavam [...] desde pelo menos a década de 1870, muito mais do que uma autêntica *ruptura*” (CLG, p. 323) em relação à linguística praticada até então.

Apesar desse “tom marcadamente crítico” (CLG, p. 322), não se trata, na visão de Bagno, de deslegitimar tal prática científica da síntese, considerada pelo autor como algo essencial ao desenvolvimento de qualquer campo de estudo, e nem mesmo a prática argumentativa de “retomar para refutar” (KOERNER, 1972, p. 274 *apud* CLG, p. 350), tal qual enunciada por Saussure em entrevista – sobre “tudo o que Paul e os modernos escreveram a respeito” da linguística sincrônica –, e sim de reprovar a completa ausência de referências às fontes que o texto utiliza. Tal problema, em consonância com Koerner (1971, 1972 *apud* CLG, p. 355 & 337), parece ter levado a duas consequências históricas ao longo do último século: por um lado, a ausência de referências permite que todo tipo de influências possa ser identificado no texto, desde as mais justificadas, como as de H. Paul e William D. Whitney (1827-1894), até as menos justificadas, como a de Georg von der

Gabelentz (cf. KOERNER, 2014); por outro lado, ela também possibilitou aos estruturalistas encontrarem na obra de Saussure uma fonte original de suas próprias ideias, apesar de o termo “estrutura” aparecer apenas três vezes no CLG, com sentidos diferentes daqueles que ainda viria a adquirir (cf. CLG, p. 337). Nesse sentido, Bagno (2021), privilegiando a perspectiva continuísta defendida por Auroux (*entrevista com o autor apud* DOSSE, 1993, p. 68), valida o argumento de Koerner de que noções estruturalistas *avant la lettre* já se encontravam nas teorias linguísticas do final do século XIX, atribuindo a opção histórica posteriormente feita pelo CLG a um sentimento antigermânico generalizado após a Segunda Guerra, sua hipótese pessoal (cf. CLG, p. 331), que teria levado os linguistas a recuperarem o CLG, especialmente na França, como uma inspiração incontroversa de suas ideias, advinda da neutra Suíça, assim eliminando da linguística moderna a produção alemã dos Jovens Gramáticos.

As críticas de Bagno (2021) vão ainda além, não apenas rejeitando a ideia de que as obras de predecessores de Saussure teriam “interesse apenas historiográfico” (CLG, p. 334), mas, ao que tudo indica, defendendo que é este, ironicamente, o próprio interesse atual do CLG – ou, ao menos, que “sua importância hoje *deveria ser* basicamente histórica” (CLG, p. 358, grifo nosso) –, dado seu estatuto “muito mais simbólico (e decerto ideológico) do que propriamente epistemológico” (CLG, p. 377). Isso se faz evidente, sobretudo, em sua argumentação a favor da “obsolescência das ‘teses saussurianas’” (CLG, p. 358) – vale dizer, apesar das aspas, as teses do CLG, para ser fiel ao seu próprio ponto de vista –, debatendo, dentre outras questões, o princípio do arbitrário, a teoria do valor e a concepção de “social” da obra. A título de ilustração, o tradutor (cf. CLG, p. 361-363) defende que a teoria valor, tradicionalmente tida como a contribuição mais autêntica e duradoura de Saussure à linguística, não só seria resultado da influência de Whitney, como também seria efetivamente inoperacional na análise linguística, posto que é abstrata demais a ponto de impossibilitar sua localização na mente do falante, insuficientemente completa, até ser apropriada pelos fonólogos estruturais, e, enfim, dependente de uma concepção de língua homogênea, cuja verdadeira heterogeneidade, confirmada empiricamente pela sociolinguística, “faz evaporar-se a noção de valor” (CLG, p. 363). Bagno assim avalia que, se “não é preciso enfatizar que o que há de ‘fragmentário e confuso’ no CLG se deve à própria gênese do livro” (CLG, p. 356), “o que surpreende [...] é que tenha sido, ao contrário, objeto de uma *exegese quase devocional*, ininterrupta, que tenta extrair dali uma teoria unificada” (CLG, p. 356, grifo nosso), por parte daqueles que buscaram superar suas contradições.

Neste ponto, Bagno (2021), lançando mão de uma das muitas metáforas mítico-religiosas que figuram no texto, além de sua retórica de embate, volta suas críticas aos leitores de Saussure, como se observa, ainda, em uma citação de Seuren (2018,

p. 94 *apud* CLG, p. 363, grifo nosso) em nota de rodapé, a respeito da teoria do valor: “Compreensivelmente, a confusa noção de ‘valeur’ em Saussure, embora frequentemente apresentada pelos *saussurólogos* como o ápice de seu gênio, nunca foi retomada pelo mundo da linguística, pela boa razão de que é inoperante”. Também ecoa, aqui, uma passagem de Hymes (1983, p. 375 *apud* CLG, p. 337), citada tanto por Faraco (2021), em sua conclusão, quanto por Bagno (2021) em consonância com seus argumentos expostos acima, segundo a qual a importância de Saussure para a linguística estrutural, mais do que um efeito de suas ideias, é similar àquela de Sir William Jones (1746-1794) para a linguística histórico-comparativa: ambos seriam “fundadores míticos”, cujo “verdadeiro papel” se encontra, “muito dramaticamente, no uso simbólico que se fez de cada um postumamente” por seus leitores ou seguidores. Em contrapartida, nota-se o que há de incontornável, afinal, na leitura do CLG, segundo Bagno: auxiliando na compreensão do que os rumos da linguística desde então “significaram de ruptura radical, de adoção e desenvolvimento ou de relativização das ideias compiladas no CLG” (CLG, p. 376), ela “já não tem como escapar de ser uma leitura informada pela abundante exegese crítica acumulada nos últimos cem anos” (CLG, p. 377), de modo que “deve ser uma leitura desapassionada [...] e não uma leitura propensa a preservar uma mitificação que não deve ter lugar em nenhum empreendimento intelectual digno do nome” (CLG, p. 378).

Atendendo ao chamado

Feita essa breve síntese acerca das teses e da argumentação de Bagno, cabe levantar, agora, algumas questões para o debate convocado, valendo-nos do próprio tom “marcadamente crítico” do autor. Antes de tudo, é preciso reconhecer, uma vez mais, o escopo argumentativo do texto, nas possibilidades que abre e encerra. Se o CLG é tanto sujeito quanto objeto de sua reconstrução historiográfica, tem-se como consequência a limitação do tratamento dado a Saussure, a não ser enquanto figura manifestada pelo texto ou pelas narrativas da fundação da linguística moderna, e à edição dos percebidos autores da obra, Bally e Sechehaye, assim como às anotações dos alunos dos cursos. Apesar de aventar, inicialmente, o esforço para evitar “expressões como ‘segundo Saussure’, ‘para Saussure’, ‘no pensamento de Saussure’, etc.” (CLG, p. 323), a problemática, diríamos, também incontornável da edição da obra faz aparecer, em um e outro momento, menções desse tipo, como se lê, por exemplo, nas seguintes passagens, dentre outras: “talvez se possa sugerir a hipótese de que o *esprit* que se encontra (mais de vinte vezes) no CLG seja a opção feita por Saussure (já que o termo aparece nas anotações dos alunos) para verter o *Geist* e o *Seele* de Paul [...]” (CLG, p. 345), na qual há uma atenuação da referência pela justificativa das notas dos alunos, o que a torna ainda

mais curiosa; “a presença inquestionável do pensamento de Hermann Paul no CLG não significa que Saussure compartilhasse os pontos de vista teóricos, a filosofia da linguagem por assim dizer, do linguista alemão” (CLG, p. 349), cuja conclusão desaprovada já seria, de antemão, impossível se o CLG é considerado como obra dos editores apenas; e, por fim, “ao contrário de Paul, que se concentra na atividade fisiológica e psicológica do *indivíduo*, Saussure opta pela *langue*, definida como ‘a parte social da linguagem’ ou como uma ‘instituição social’” (CLG, p. 351), a mais clara e evidente delas, atribuindo trechos do CLG a Saussure. Além disso, o fato de Bagno citar diversos autores que não partilham de seu ponto de vista acaba por preencher o texto com outras referências a Saussure.

Não desejamos ressaltar deslizes, mas o que eles revelam: trata-se de uma obra perpassada por uma série de narrativas históricas que não podem ser isoladas sem um certo custo. Há um custo alto, por exemplo, em desconsiderar, em prol desse exame da narrativa da paternidade, o processo de edição da obra, como o faz em certa medida Bagno, ao julgar não ser preciso enfatizar as problemáticas relativas à sua gênese, já que, afinal, o CLG seria obra apenas dos editores. Ainda que nos pareça bastante adequada, para a atualidade dos estudos saussurianos, uma perspectiva de pesquisa que toma o CLG como sujeito e objeto ou, simplesmente, como agente, por conta de seu papel efetivamente desempenhado na linguística do século XX, se o CLG é um sujeito, ele é ao menos um sujeito composto, composto pela ação de diferentes sujeitos, em diferentes momentos. A título de ilustração, Bagno (2021, p. 342) reproduz a crítica de Koerner (1971, p. 101) voltada ao tratamento dado pela historiografia pós-estruturalista aos Jovens Gramáticos, segundo a qual tais autores teriam sido utilizados como bodes expiatórios dos vícios da linguística histórica, por parte de linguistas com um acesso secundário ou terciário às suas obras, distorcendo sua representação. Fato é que só recentemente tal percepção acerca da linguística oitocentista tem sido revisada, em especial a partir de pesquisas como as de Koerner (cf. FARACO, 2021, p. 24), e, nesse sentido, o trabalho de Bagno também é importantíssimo. Contudo, não levar em consideração que este mesmo acesso indireto também ocorre com o CLG, cujo resultado pode ser entendido como a tal desfiguração do pensamento saussuriano, parece ser insuficiente para resolver problemas como o da ausência de referências, especialmente em uma obra que nasce de uma atividade de ensino, preponderantemente oral, cuja publicação, como assumem os próprios editores no prefácio à primeira edição, também citado por Bagno (cf. CLG, p. 333), Saussure provavelmente não teria autorizado (cf. CLG, p. 38). Bagno parece reconhecer tais questões, sem incluí-las efetivamente em sua argumentação.

Não se trata de reivindicar, aqui, as já usuais críticas aos editores do CLG, buscando assim salvaguardar uma imagem pura de Saussure e de sua teoria, através do tipo de

leitura já preterida por Bagno e que também desaprovamos em princípio. Dito isso, a consideração de tal complexidade da obra, que merece certa dose de insistência, traz à tona possíveis hipóteses explicativas para algumas das objeções do autor à recepção do CLG, relativas à “exegese quase devocional” referida. Afinal, é difícil imaginar que, tivesse Saussure efetivamente redigido seu livro sobre linguística geral e o publicado em vida, o quadro dos estudos saussurianos seria marcado por essa mesma atitude de “mitificação”. Ou seja, parece necessário pensar no próprio processo de produção da obra como um dos elementos que engendram a “mitificação”, encaminhando a busca por um autor aparentemente ofuscado na obra pela mediação dos editores e dos alunos. Sem aderir a esta leitura, mas entendendo-a como objeto histórico manifestado ao longo do último século pelas diferentes fontes saussurianas, tornam-se um pouco mais compreensíveis as questões, tratadas no posfácio, do “saussurismo”, dos “saussurólogos”, da “exegese quase devocional” e da difusão do “evangelho segundo Ferdinand” (JOSEPH, 2012, p. 244 *apud* CLG, p. 327), etc. Nos parece que não é a despeito da edição do texto que o CLG foi reputado como obra fundadora da linguística moderna, e sim, em alguma medida, justamente por conta desta sua constituição atípica. A decorrente ausência de citações aparece como mais uma motivação histórica para o movimento dos estruturalistas de recuperar o CLG como fonte original e incontroversa de suas ideias, tal qual argumenta Bagno, já que as referências aos desenvolvimentos da linguística histórico-comparativa ficaram ocultas. As ideias presentes no CLG, desse modo, irromperam nos estudos linguísticos de forma fechada, arrancadas do tempo e do espaço dos quais emergiram, paradoxalmente tornando os próprios princípios presentes nos trabalhos dos Jovens Gramáticos mais receptivos à linguística do século XX.

Decerto, não há como negar a necessidade de prestar contas às dívidas intelectuais indevidamente silenciadas no CLG, levando suas asserções de volta para o contexto de onde efetivamente surgiram, como o faz Bagno. A preservação de uma mitificação de Saussure, nesse sentido, é sem dúvida indefensável. No entanto, se Bagno poupa os editores de críticas, ele as direciona aos leitores do CLG, desaprovando, sob rótulos mítico-religiosos, as leituras da obra que buscaram, em meio a suas muitas contradições textuais, encontrar uma teoria mais ou menos consistente. Em alguns aspectos, podemos dizer que essa recusa das investigações epistemológicas sobre o CLG faz com que alguns de seus argumentos fiquem carentes de embasamento textual. É o que se vê, por exemplo, em sua análise de uma passagem já bastante discutida do CLG, a respeito da teoria do valor, na qual há uma incoerência flagrante entre duas asserções, uma sobre a negatividade de significantes e significados e outra sobre a positividade dos signos em sua totalidade: “aqui se diz [em parágrafo da página 177] que ‘na língua só existem diferenças sem termos positivos’, mas no parágrafo subsequente o que lemos é que existem, sim, fatos positivos e

que eles são ‘a única espécie de fatos que a língua comporta’ (CLG, p. 177, nota d). Apesar de assinalar que se trata de “uma questão a ser resolvida (se puder ser resolvida) por uma crítica textual acurada” (CLG, p. 177, nota d), Bagno se limita, no posfácio, a retomar tal nota e a reconhecer novamente a contradição, citando a conclusão de Seuren (2018, p. 92 *apud* CLG, p. 363), segundo a qual, “para Saussure, a língua não contém nenhum signo, embora ao mesmo tempo ela só contenha signos”. Enquanto a incoerência textual revelada por ambas as declarações é inegável, ela é atenuada imediatamente pelo próprio CLG, no âmbito conceitual, através das seguintes objeções: “mas dizer que tudo é negativo só vale para o significado e o significante tomados separadamente: tão logo consideramos o signo em sua totalidade, nos vemos na presença de uma coisa positiva em sua ordem” (CLG, p. 177, grifo nosso) e “*embora* o significado e o significante sejam, cada um tomado à parte, puramente diferenciais e negativos, sua combinação é um fato positivo” (CLG, p. 177-178, grifo nosso).

São estas as considerações que levaram diversos comentadores consagrados da obra de Saussure, como Arrivé (2010) e Flores (2021), a identificar, nestas passagens aparentemente contraditórias do CLG, uma distinção fundamental, relativa às noções de positividade e negatividade acima, entre relações de diferença e de oposição (CLG, p. 178): “tão logo se compara os signos entre si – termos positivos –, já não se pode falar de diferença: o termo seria impróprio, porque só se aplica bem à comparação de duas imagens acústicas” e, logo depois, “dois signos que comportam, cada um, um significado e um significante não são diferentes: são somente distintos” de modo que “entre eles só existe oposição”, concluindo que “todo o mecanismo da linguagem [...] repousa em oposições desse tipo e nas diferenças fônicas e conceituais que elas implicam”. Apesar da incoerência anterior da redação, sobretudo pelo caráter absoluto conferido a cada asserção pelo uso de “só” e “única”, a interpretação, em seguida, se torna clara: significantes e significados guardam, entre si, uma relação negativa de diferença; signos totais guardam, entre si, uma relação positiva de oposição. Vale dizer, ainda, com base em Arrivé (2010), que o CLG parece ter eliminado as “marcas de timidez” de Saussure neste ponto, manifestadas nas fontes em fórmulas como: “teremos algo que *pode se assemelhar* a termos positivos” (ENGLER, 1968-1989, p. 272-273 *apud* ARRIVÉ, 2010, p. 85, grifos de ARRIVÉ). Fato é que, como dito, Bagno não se detém nesse ponto, talvez em vista da concepção de que o estatuto atual da obra seria principalmente simbólico e ideológico, prosseguindo rapidamente às suas críticas ao valor enquanto conceito ancorado em uma concepção problemática de língua homogênea (cf. CLG, p. 363), com a qual não poderíamos concordar mais. No entanto, nos parece que o tratamento dado à questão, sem mesmo esboçar a crítica textual acurada que o próprio autor evoca, foi insuficiente para bem representar os argumentos do CLG, mesmo com suas contradições. E, ainda

a esse respeito, seria muito devocional defender que a obra talvez ainda tenha algo a contribuir para a linguística contemporânea? Não faltam autores que acreditam que sim, como os supracitados Arrivé (2010) e Flores (2021) – que vê no valor uma de suas heranças mais autênticas e duradouras – mas deixamos, aqui, a questão em aberto.

Ademais, os critérios com base nos quais Bagno defende a obsolescência das teses saussurianas não são de todo diferentes, em alguns quesitos, daqueles utilizados pelos leitores do CLG para demarcar, por exemplo, sua ruptura em relação à linguística oitocentista, criticada pelo autor. Em passagem que merece uma análise mais esmiuçada, Bagno remete a Pierre Bourdieu para denunciar os efeitos do estruturalismo, sob o signo da ideologia, na linguística do século XX, bem como nos diferentes campos das ciências humanas. Inicialmente, Bagno (cf. CLG, p. 366) aventa uma comparação figurada, avaliada como possivelmente grosseira, da perspectiva da linguística estrutural a um processo de “cortar a língua do falante, extraí-la de sua boca para ser estudada como um pedaço de músculo inerte sob um microscópio dentro de um laboratório devidamente asseptizado” (CLG, p. 366). Em seguida, Bagno cita Bourdieu (cf. 1996, p. 18 *apud* CLG, p. 367), que propõe “nos livrarmos dos limites inscritos na própria intenção da linguística estruturalista enquanto teoria pura”, em sua avaliação de que o estruturalismo teria feito da linguística, através dessa separação do instrumento linguístico de suas condições sociais de produção e de utilização, “a mais natural das ciências sociais”, assim exercendo um efeito ideológico sobre as humanidades, de modo a propiciar “aparências de cientificidade” à naturalização dos objetos simbólicos. Na leitura feita por Bagno (cf. CLG, p. 367) dessa citação, assim teria sido possível à linguística estrutural obter, “violentando o seu objeto”, a fusão entre as polarizadas ciências da natureza e ciências do espírito. Enfim, o autor, reconhecendo ser impossível escapar às contingências sociais da produção do conhecimento, avança argumentos similares: “o próprio linguista, na crença de uma ‘cientificidade’ que lhe permite isolar-se em seu laboratório asseptizado, acaba contrabandeando para dentro dele o vírus das ideologias” (CLG, p. 367).

Como no uso de certas metáforas que cumprem um papel curioso na argumentação de Bagno, algumas escolhas lexicais, aqui, ilustram um tom acusatório, talvez mais do que crítico, assim como o lugar negativo que as ciências naturais e seus meios e práticas injustamente ocupam na comparação: “contrabandear” algo externo e indevido, no caso o “vírus” da ideologia, para dentro do “laboratório asseptizado” de uma linguística que, “violentando” seu objeto, faz da língua um “pedaço de músculo inerte sob um microscópio”. A denúncia de uma purificação da língua e da linguística é clara, assim como o é o juízo feito com base no critério da cientificidade, no caso das “aparências de cientificidade” que teria assumido essa naturalização, pressupondo a existência de uma

linguística talvez mais (ou verdadeiramente) científica e, ao menos, purificada deste tipo de ideologia. Enquanto Bagno logo antes critica o idealismo da postura racionalista da linguística do CLG, que operaria, em consonância com as passagens acima, como se a língua existisse em uma dimensão transcendente (cf. CLG, p. 351-352), o empirismo antagônico do autor leva-o a tomar parte numa premissa similar, defendendo um estado de pureza próprio da língua-em-si, enquanto objeto simbólico, produto da história e parte da vida social, que poderia ser, então, violentado. Se o posfácio de Bagno, no geral, reivindica para a linguística seu estatuto sociológico perdido, concordamos com esse ponto, assim como com os apontamentos a respeito do efeito ideológico que o estruturalismo e, também, o CLG podem ter exercido na área, sobretudo através da homogeneização e da autonomização da língua. No entanto, o juízo feito, a partir da citação de Bourdieu, com base nesta noção de cientificidade, outrora utilizada na narrativa mesma do corte saussuriano, não parece ser condizente com sua argumentação e, o que é mais arriscado de uma perspectiva historiográfica, parece acatar como verdade os saberes contemporâneos para nos livrar das supostas crenças falsas dos antigos, sob o risco de purificar a própria história. Neste ponto, temos que reconhecer, enfim, que mesmo as “mitificações” têm algum lugar nas ciências e que, bem ou mal, isso não está em contradição necessária com os “empreendimentos intelectuais dignos do nome”, pois, com efeito, “o único mito puro é a ideia de uma ciência purificada de qualquer mito” (SERRES, 1974, p. 259 *apud* LATOUR, 2013, p. 93).

Considerações finais

Para não nos alongarmos mais em uma crítica da própria crítica, que já extrapolou seus propósitos iniciais, vale destacar, novamente, a importância de uma edição como esta para a linguística brasileira. Não apenas pela tradução renovada – não examinada aqui, mas de alta qualidade –, como também, e sobretudo, pelo aparato crítico atualizado que acompanha o texto: a apresentação de Faraco que, apesar de adaptada de outro livro, se faz absolutamente relevante para uma nova edição do *Curso*; as notas textuais que, mesmo sem a intenção de serem exaustivas, auxiliam sobremaneira a leitura da obra; e, é claro, o posfácio de Bagno que, a despeito de todas as críticas aqui desenvolvidas, não deixa de ser um trabalho historiográfico de grande valor para quem se proponha a estudar o CLG atualmente. Alimentado pelas discussões mais contemporâneas dos estudos saussurianos, o posfácio cumpre, por sua vez, seu papel de também alimentar tais debates, oferecendo interpretações pertinentes para muitas das questões mais controversas em torno do CLG e trazendo indagações que, ao que nos parece, ainda “estão longe de virem a ser superadas”. Se nos concentramos em algumas objeções pontuais à argumentação

- | *Curso de linguística geral* (resenha)

de Bagno, é porque reconhecemos a importância de seu trabalho e do debate que ele convoca. Diríamos, assim, que esta nova edição também já se configura, enfim, como uma leitura incontornável.

Agradecimentos

Agradeço especialmente à minha orientadora, Olga Coelho, pela leitura crítica das diferentes versões desta resenha. Agradeço também à FAPESP pelo financiamento do projeto de pesquisa (processo nº 2021/03445-0) ao qual se vincula o presente trabalho.

Referências

ALTMAN, C. Sobre mitos e história: a visão retrospectiva de Saussure nos três cursos de linguística geral. *In*: ALTMAN, C. **A guerra fria estruturalista**: estudos em historiografia linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2021. p. 37-46.

ARRIVÉ, M. O *Curso de linguística geral*: modesto ensaio de releitura. *In*: ARRIVÉ, M. **Em busca de Ferdinand de Saussure**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2021. p. 43-94.

BAGNO, M. Posfácio – Excurso crítico para uma leitura incontornável. *In*: SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2021. p. 320-378.

BOUQUET, S. De um pseudo-Saussure aos textos saussurianos originais. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 25, n. 1, p. 161-175, jan./jun. 2009.

DOSSE, F. **História do estruturalismo**, v. 1: o campo do signo (1945-1966). Tradução Álvaro Cabral. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

FARACO, C. A. Apresentação. *In*: SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2021. p. 17-33.

FARACO, C. A. Apresentação. *In*: FARACO, C. A. (org.). **O efeito Saussure**: cem anos do *Curso de linguística geral*. São Paulo: Parábola, 2016. p. 7-24.

- | *Curso de linguística geral* (resenha)

FLORES, V. do N. A linguística saussuriana: o sistema. *In*: BATTISTI, E.; OTHERO, G.; FLORES, V. do N. **Conceitos básicos de linguística**: sistemas conceituais. São Paulo: Contexto, 2021. p. 15-120.

KOERNER, E. F. K. Georg von der Gabelentz e Ferdinand de Saussure: o problema da 'influência'. *In*: KOERNER, E. F. K. **Quatro décadas de historiografia linguística**: estudos selecionados. Vila Real: Centro de Estudos em Letras da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014. p. 103-116.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**. São Paulo: Editora 34, 2013.

SALUM, I. N. Prefácio à edição brasileira. *In*: SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. p. XIII-XXIII. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4622783/mod_resource/content/1/Saussure16CursoDeLinguisticaGeral.pdf. Acesso em: 14 mar. 2022.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Apresentação de Carlos Faraco. Tradução, notas e posfácio de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2021.

COMO CITAR ESTA RESENHA: PRAIS, Felipe. Curso de linguística geral. **Revista do GEL**, v. 19, n. 1, p. 283-295, 2022. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>

Submetido em: 18/03/2022 | Aceito em: 19/03/2022.
